

28-11-963.

Filosofia da Vida

065

Já o sol entrara em franco declínio envolto em palha de ouro. Resfolgando da viagem longa, e abraçando a marcha, a poderosa máquina enfim parou.

O meu amigo, que o dever chamava àquela terra estranha de além fronteiras, rompeu caminho por entre a multidão desconhecida.

Nisto, sente alguém a prender-lhe o braço, enquanto uma voz suplicante e meiga o interroga aflitivamente:

—Vem do estrangeiro? Traz de comer?

E sem dar tempo a refazer-se do espanto, aquela rapariga loira, dos seus vinte anos, desfechou á quermia-roupa:

—Tenho fome! Dê-me de comer, que eu dou-lhe tudo.

O meu amigo que á chegada a terra alheia, tão loucamente era assim aliciado, tinha um espírito recto e um coração de ouro. Fixou o olhar na sua inesperada companheira e, notando nela vincado ar de apuro e olhos puros de criança, retorquiu compadecido:

—Não tem pena de estragar assim a vida?

Mas num acento desesperado, aquela boca inocente ainda, atalhou irónica:

—Que me importa a vida! O que eu quero é comer, antes que chegue a noite...

O bondoso português levava conservas na sua malita de mão. Abriu-a, e deu-lhas todas.

Com um muito obrigado, a pobre rapariga, já doída de alegria e escondendo a valiosa prenda, despediu-se em soluços, e perdeu-se na multidão. E o estrangeiro seguiu o seu caminho.

No seu regresso a Portugal, trazia bem forte ainda a negra impressão daquela dura tragédia. E contou-lha com olhar de espanto. Nunca por aquêlê espírito bom passara a idéa duma tragédia igual. Nunca acreditara que fôsse possível perder-se a virtude sob o agulhão da fome.

E repetia, em profunda meditação, o eco daquêlê desespero: —que me importa a vida!... que me importa a vida!...

A vida! Mas ela, a vida, deixou de interessar. Talvez que a pobre rapariga tivesse tido sonhos de felicidade. Talvez tivesse um noivo, por quem tanto rezara, não fôsse cair para sempre nos campos da batalha. Quantos sonhos aos vinte anos aquella loira cabeça não teria construído!

Mas veio a privação. E depois a fome. E aquella ansia de viver, de tornar bela e risonha a vida, foi suplantada pela ansia mais forte de comer. O estômago impunha a sua lei fatal. A noção do belo, do grande, da virtude e do bem foi-se perdendo.

Agora, um só desejo: comer! Já custa da honra, da dignidade, da inocência, do seu lar futuro, do seu noivo, dos seus lindos sonhos de há pouco, da sua mesma felicidade? Que importa! Tudo isso nada vale a uns olhos esfomeados! A lei primeira da vida, comentava o meu amigo, parece-me que é comer.

De facto, já o notara esse gigante do espírito que foi Santo Tomás d'Aquino. Um certo nível de bem-estar material, escreveu ele, é necessário para tornar possível a virtude.

Aquêles que, não compreendendo o profundo sentido das palavras de Cristo, tinham a pobreza — e até a miséria — como meio mais fácil de conquistar o céu, nunca tiveram por acertadas as palavras do Doutor Angélico. Para eles, a virtude é filha apenas da educação. O que interessa

e fazer respirar a hierarquia social e as grandes instituições do passado, espalhando no espírito do povo a noção da ordem, o culto da disciplina, o amor da Pátria.

Mas a ordem, a disciplina, o patriotismo têm de assentar afinal, para viverem, numa noção bem mais simples e mais profunda: a consciência da dignidade própria. Quem não tem, pelo menos em idéa rudimentar, consciência do que é e do que vale como individuo, como pode ter compreensão do seu valor como elemento nacional? E se o não tem, como pode compreender a noção de ordem colectiva, da disciplina, do sacrificio pelo bem comum?

A tragédia, que aquêlê amigo nos

contou, não representa apenas a ruína brutal dum coração de criança. Por detrás dela, é a ruína de todos os fundamentos da própria sociedade.

Quem perdeu o amor e o respeito por tudo o que em si pôde significar dignidade, brio, ou beleza; quem perdeu o amor por tudo o que é — de forma a nada mais lhe interessar senão o comer, como acontece com os animais — como pode ter interesse por êsses outros bens colectivos a que chamamos tradição, sentimento nacional, colaboração social?

As virtudes dos nossos Maiores, que tanto desejamos revividas na Moçidade, só se tornarão possíveis quando não seja mais preciso vender a alma ao diabo para comer o pão que êle próprio amassou.

Há que realizar, uma obra social profunda de dignificação do individuo e do trabalho, qualquer que êle seja, a fim de preparar o povo para a sua grande missão nacional.

Que a história da rapariga loira — autêntica e relativamente recente — nos faça compreender a razão profunda das palavras do actual Sumo Pontífice, ao exigir, para todo o trabalhador adulto, liberdade e independência económicas, como base da justiça e fonte insubstituível da paz social.

Em verdade, só poderá a Nação ter-se por segura e progressiva, no dia em que — ao contrário daquela pobre rapariga — cada um de nós sinta realmente que muito lhe importa a vida.

ABEL VARZIM